

A SAGA STAR WARS E A POLÍTICA: Discussões e Possibilidades de Conceitos-Imagens da Saga para o Ensino de Filosofia

Maria Lionilde Araújo da Silva¹
Josina Maria Pontes Ribeiro²
Ricardo dos Santos Pereira³

Na verdade, era sobre a Guerra do Vietnã, e aquele foi o período em que o presidente Richard Nixon estava tentando concorrer a um segundo mandato, o que me levou a pensar historicamente sobre como as democracias se transformam em ditaduras. Porque as democracias não são derrubadas; elas são entregues (George Lucas, Chicago Tribune, 2005).

RESUMO

Star Wars é uma franquia de ficção científica, criada por George Lucas e categorizada como ópera espacial, que se mantém com uma legião de fãs por gerações. O artigo objetiva evidenciar conceitos de filosofia e ciência política que podem ser trabalhados a partir dos episódios da Saga *Star Wars*, considerando a organização dos filmes a partir de conceito-imagens. Como procedimento metodológico selecionamos a totalidade dos episódios fílmicos da saga. Para tanto, foi necessário compreender a saga *Star Wars* enquanto textos-fílmicos, sendo a análise textual fílmica ancorada em Vanoye e Goliot-Lété. Como resultado apresentamos conteúdos/temas filosóficos que podem ser trabalhados, a partir da saga, considerando os documentos norteadores da educação básica de nível médio.

Palavras-chave: Star Wars; política; ensino de filosofia; conceito-imagem.

STAR WARS AND POLITICS: DISCUSSIONS AND POSSIBILITIES OF SAGA CONCEPTS-IMAGES FOR TEACHING PHILOSOPHY

ABSTRACT

Star Wars is a science fiction franchise, created by George Lucas and categorized as space opera, which has remained with a legion of fans for generations. The article aims to highlight concepts of philosophy and political science that can be worked from the episodes of the *Star Wars* Saga, considering the organization of films based on concept-images. As a methodological procedure, we selected all the film episodes in the saga. For that, it was necessary to understand the *Star Wars* saga as film-texts, the textual film analysis being anchored in Vanoye and Goliot-Lété. As a result, we present content and philosophical themes that can be worked on, starting from the saga, considering the guiding documents of basic education of high school level.

Keywords: Star Wars; politics; philosophy teaching; concept-image.

RECEBIDO EM: 21/11/2020

ACEITO EM: 28/1/2021

¹ Autora correspondente. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – Ifac. Av. Brasil, 920 – Xavier Maia. Rio Branco/AC, Brasil. CEP 69903-068. <http://lattes.cnpq.br/1578940424500720>. <https://orcid.org/0000-0002-1858-4361>. lia.wilde@hotmail.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – Ifac. Rio Branco/AC, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/7550278243707140>. <https://orcid.org/0000-0003-2782-6083>.

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – Ifac. Rio Branco/AC, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/4372251203476914>. <https://orcid.org/0000-0002-7148-5055>.

INTRODUÇÃO

No verão americano de 1977, filas dobravam quarteirões desde a frente dos cinemas de todas as cidades dos Estados Unidos. O filme que as pessoas aguardavam, incansáveis, horas para assistir referia-se a uma jornada épica de jovens rebeldes, com poucas armas e algumas naves espaciais, contra um Império ditatorial de grande poder tecnológico e bélico. Os heróis e vilões apresentados ao grande público, especialmente *Darth Vader*, *Leia Organa*, *Han Solo* e *Luke Skywalker*, marcaram aquela geração e as seguintes, mas também a cultura pop como um todo.

Desde então, muito se fala ou escreve sobre *Star Wars*, uma saga apreendida de diferentes perspectivas, quais sejam: a) confronto do bem contra o mal que tem seus ápices em lutas de espadas laser; b) jogada de *marketing* para vender bonecos; c) um estilo de vida; d) conto de fadas espacial, e e) fonte inesgotável de temas políticos, religiosos ou éticos. Esta última perspectiva nos causa maior inquietação e, portanto, a destacaremos no ensaio.

De fato, sendo a Saga um fenômeno midiático, constantemente atualizado e, portanto, capaz de atrair adolescentes e jovens por gerações, seria possível sua utilização como ferramenta pedagógica para o ensino de filosofia política e ciência política? Em sendo possível, que conceitos de filosofia e ciência política podem ser abordados a partir dos filmes? Assim, este artigo objetiva evidenciar conceitos de filosofia e ciência política que podem ser trabalhados a partir dos episódios da Saga *Star Wars*, considerando a organização dos filmes a partir de conceito-imagens (CABRERA, 2005).

O artigo integra uma pesquisa-ação para a disciplina de filosofia ofertada em turmas de Ensino Médio integrado ao técnico do Instituto Federal do Acre/*Campus* Rio Branco, de forma a torná-la mais dinâmica, contextualizada à realidade dos alunos e concatenada com temas integradores comuns a outras disciplinas. Para tanto, concebemos como fundamental a relação entre filosofia, ciência e arte em Deleuze (2017), assim como os princípios da educação integral, que consideram fundamental a integração entre as humanidades e a área técnica e cultural segundo a legislação vigente para a educação brasileira (BRASIL, 1996, 2006, 2007).

Embora existam variadas formas de analisar um filme, a metodologia de análise utilizada é a histórico-social de Vanoye e Goliot-Lété (1994), por considerarem o filme produto cultural que pertence há um determinado contexto e que reflete o conjunto de representações do real da sociedade que o produziu. O gênero do filme não muda essa máxima, seja um filme histórico ou de ficção científica. Analisar um filme, então, não é vê-lo, é revê-lo, desmontá-lo e analisá-lo segundo critérios, sendo o primeiro deles de ordem pedagógica, pois pressupõem uma reflexão rigorosa acerca do objeto-fílmico a ser analisado (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 54-56).

A análise fílmica proposta por Vanoye e Goliot-Lété (1994, p. 14-18) pressupõe que se desmembre o filme em pequenos fragmentos, analisando suas partes de forma isolada, utilizando-se a proposta deleuziana de relação entre cinema e filosofia e a ideia de Cabrera (2005) de que um filme pode ser considerado um conceito-imagem, com condições de ser analisado no todo (macroconceito-imagem) ou em partes (microconceito-imagem). Assim, desmembramos cada um dos 11 episódios da saga em microconceito-imagens, por ordem de discussão política, procurando possíveis conteúdos que

poderiam ser trabalhados ou relacionados com o fragmento do filme. Cada filme foi assistido três vezes para registrar minutagem, identificar cenas isoladas que tratavam de conteúdo específico de filosofia ou ciência política e, posteriormente, identificar relações e associações entre cenas.

Já para a análise do texto-fílmico relacionada às teorias filosóficas e sociológicas, usamos a hermênutica-dialética (MINAYO, 2002). Enquanto a hermenêutica busca essencialmente a compreensão, a dialética toma para si a postura crítica diante do analisado. Uma análise hermenêutica-dialética busca compreender a prática social empírica dos sujeitos em sociedade e seu movimento contraditório (MINAYO, 2002, p. 97-101).

Todo esse percurso metodológico convergiu para a produção do artigo que, no primeiro momento, analisa a saga utilizando especialmente o pensamento político de Platão (2014), Maquiavel (2014), Weber (1996) e Arendt (1988, 2010, 2017, 2018, 2020) evidenciando o contexto político que permeia a história. Posteriormente, utilizamos a compreensão de que filmes são constituídos de conceitos-imagens (CABRERA, 2005; DELEUZE, 2017, 2018a, b) e, através de um processo de identificação e divisão da saga em macro e microconceitos-imagens, sugerimos um possível uso pedagógico da saga para a disciplina de filosofia, especificamente para os conteúdos relacionados à área de política. Por fim, destacamos como *Star Wars* pode contribuir para um vantajoso diálogo entre a disciplina de filosofia e a realidade, trazendo possibilidades de um ensino dialógico e politizado a partir de um elemento da cultura pop.

FILOSOFIA E CINEMA

Deleuze (2017, p. 80) afirmará que a filosofia e o cinema possuem um papel análogo de pensar o movimento, posto que o cinema posteriormente o transforma em imagem. Essas imagens estão envolvidas com o mundo (DELEUZE, 2018b, p. 105). A essas imagens, Deleuze (2017) denomina de conceitos cinematográficos, haja vista que o cinema, para o filósofo, é um produtor da realidade.

Depois da Segunda Guerra Mundial o cinema, enquanto ação-imagem, tal como outras formas de arte, vai focar cada vez mais na leitura da realidade para contar suas histórias, considerando influências sociais, culturais, políticas e econômicas (DELEUZE, 2018a, p. 306). Por isso, a arte cinematográfica é um campo profícuo para leituras conceituais, desde que se formem os conceitos a partir da obra (diversos contextos: homem – mundo) e não apenas se tente descrevê-los (DELEUZE, 2018b, p. 235). O campo que forma conceitos é a filosofia (DELEUZE; GUATTARI, 2016), porém o cinema possui conceitos próprios, mas que só podem ser forjados no campo filosófico:

[...] A relação cinema-filosofia é a relação da imagem com o conceito. Mas, no próprio conceito existe uma relação com a imagem, e na imagem uma relação com o conceito: por exemplo, o cinema sempre quis construir uma imagem do pensamento, dos mecanismos do pensamento. E ele não é nada abstrato por isso, ao contrário (DELEUZE, 2017, p. 87).

Vanoye e Goliot-Lété (1994) afirmam que o cinema, como forma de arte, é pedagógico e, ao considerar a relação filosofia e cinema proposta por Deleuze, acreditamos que filmes podem ser um ótimo aliado para a disciplina de filosofia e sua inestimável função de criar conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2016).

O texto fílmico que contém conceitos-imagens (CABRERA, 2005) é produto de significações construídas tanto por seus produtores quanto pelos espectadores. A linguagem cinematográfica pela articulação de diversos elementos, como imagens, movimentos, trilha sonora, sonoplastia, roteiro e visões de mundo embutidas, faz com que o filme seja o resultado de um conjunto de significações que podem ser interpretadas e compreendidas de diversas formas. O filme é, por conseguinte, uma produção que combina elementos da cultura aos sistemas utilizados na construção das imagens; interpretações que podem ser variadas devido às infinitas possibilidades de apresentações estéticas a partir de determinado filme (DUARTE, 2008, p. 86).

Wilke (2019) e Bruno, Silva e Júnior (2019) também defenderam o potencial pedagógico do cinema para discussão de fatores políticos mais efetivos. Os autores analisaram obras de ficção científica e com ampla influência e aceitação na cultura *pop*. Wilde (2019) analisou a filosofia e a política dentro da *Star Trek*, enquanto Bruno, Silva e Júnior (2019) avaliaram a série *Black Mirror* na perspectiva de distopia política. Ambos, contudo, acreditam que as produções artísticas com ampla aceitação do público podem ser trabalhadas e alçarem discussões profícuas dentro da prática pedagógica de suas disciplinas.

Desse modo, apresentamos aqui uma organização temática da totalidade da Saga *Star Wars*, considerando que os filmes contêm macro e microconceitos-imagens (CABRERA, 2005) para a utilização pedagógica do ensino de filosofia, especialmente para o Ensino Médio integrado ao técnico proposto pela Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Para que a proposta seja exequível ainda em outras redes de ensino, dentro de contextos mais rígidos e reduzidos (carga horária semanal ínfima de filosofia), produzimos um Quadro para que se consulte e utilize cenas específicas, bem como se sugira novos conceitos e discussões. Acreditamos que a experiência estética dos alunos com a obra é primordial, mas se a realidade escolar não possibilitar essa experiência completa, o professor encontra no Quadro cenas de diversas durações que podem ser utilizadas como mote de problematização para distintos conteúdos relacionados ao eixo de política na disciplina de filosofia e, em especial, como formas de integração da área de ciências humanas nas disciplinas de sociologia, história e geografia.

As discussões realizadas para escolha de macro e microconceito-imagens estão de acordo com os conteúdos indicados nas Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006), que abordam temáticas relacionadas à política. Por isso, discutimos a saga pelos referenciais mais frequentes e clássicos das disciplinas de humanas, ainda que nosso referencial de ensino tenha o viés crítico da pedagogia freiriana. Como exemplo, para discutir totalitarismo, revolução e violência na saga, recorreremos ao pensamento de Hannah Arendt (1988, 2010, 2017), e para tratar sobre burocracia buscamos Weber (1996) como referencial teórico clássico. De igual modo, quando discutimos a ascensão de políticos corruptos ao poder, é Platão e Maquiavel que contribuem teoricamente com o debate. Deste modo, afirmamos, a partir dos princípios do ensino plural assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases – LDB (BRASIL, 1996), que diversos referenciais conceituais podem ser trabalhados em contextos críticos de ensino, nos moldes contra-hegemônicos (FREIRE, 2018, 2019), especialmente quando se quer empregar produtos tecnológicos e midiáticos por permitirem associa-

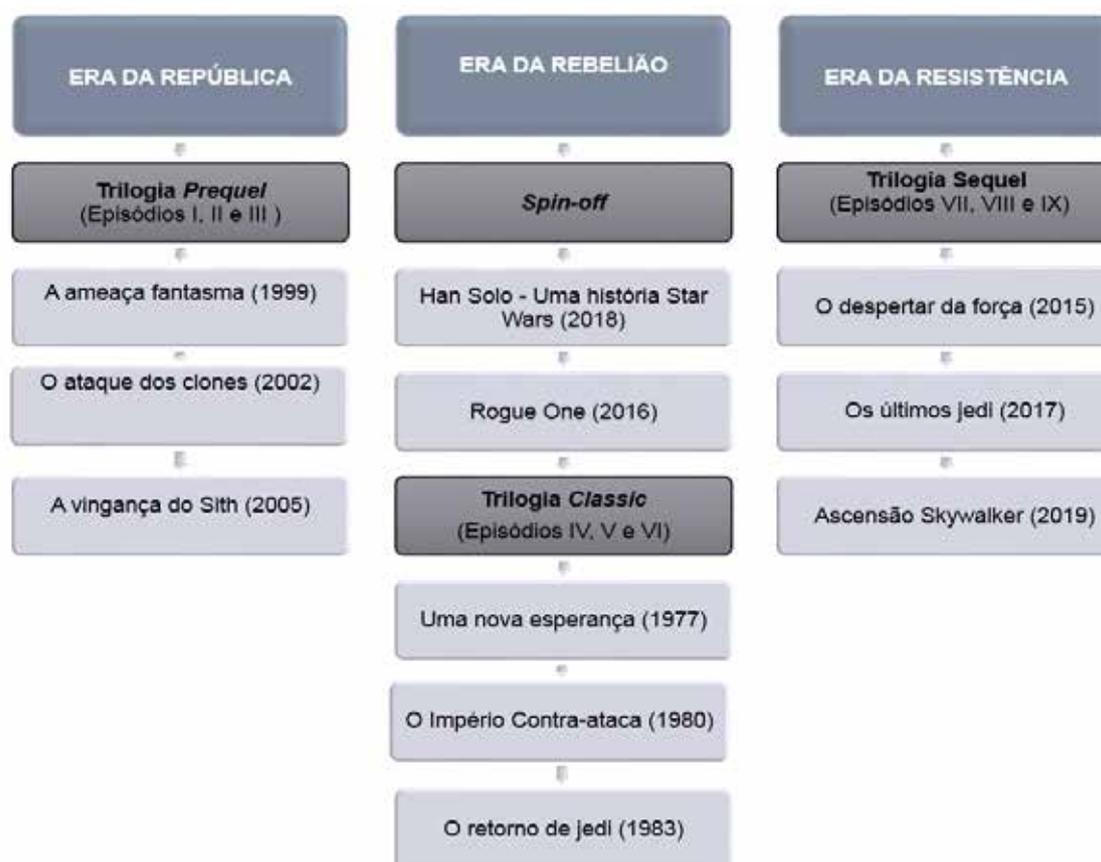
ções possíveis com a realidade concreta. Assim, demarcamos *Star Wars* como produto tecnológico e midiático com nossa opção ético-política de abordar tal saga de forma crítica.

MACROCONCEITOS-IMAGENS EM *STAR WARS*: Análise Histórico-Social

A franquia *Star Wars* conta com filmes, desenhos, *HQs*, livros, jogos e outros produtos, contudo, para fins de análise, nos deteremos nos filmes que correspondem a nove episódios e dois *spin-off* (considerados subprodutos da série).

É importante destacar que a saga é organizada a partir de três trilologias que contam a história da ascensão e queda do Império Galáctico, sendo possível assistir os episódios por ordem de lançamento ou por ordem numérica dos episódios. Para facilitar a análise dos acontecimentos políticos, a pesquisa considerou a ordem de episódios e não a ordem de lançamento, tal como apresentado na Figura 1:

Figura 1 – Trilogia *Star Wars* por ordem de episódios



Fonte: Elaborada pelos autores, 2020.

Vale destacar que o primeiro filme da série de 1977 tinha apenas o nome de *Star Wars*, sendo, posteriormente, rebatizado como “Episódio IV – Uma nova esperança”, diante do sucesso e da oportunidade de continuidade da história. O sucesso fez com que se produzissem mais dois filmes, terminando assim a trilogia original. Nos anos posteriores, George Lucas planejou contar a história de como a Velha República caiu dando

lugar ao Império Galáctico. A essa trilogia, lançada nos fins dos anos 1990 e início dos 2000, chamamos de *prequels*. A saga cinematográfica ficou adormecida, mesmo que outras mídias produzissem estórias paralelas. Em 2014, o mundo assistiu a notícia de que os Estúdios *Disney* compraram a *Lucasfilm* e anunciaram uma nova trilogia (TAYLOR, 2015, p. 30-42) que, dentro da saga, corresponde à trilogia chamada *sequel*. Nos últimos anos a série continuou sendo bilionária e com uma nova geração de fãs.

Taylor (2015, p. 22) afirma que o universo *Star Wars* de 1977 a 2013 arrecadou de ingressos e produtos licenciados mais de 40 bilhões de dólares. Muito desse sucesso foi graças aos fãs que atualizaram a obra e a desenvolveram em muitos níveis. Segundo o *site Uol Entretenimento* (STAR WARS, 2019b) apenas a última trilogia e os dois *spin-off* arrecadaram mais de 5 bilhões em bilheteria de cinema no mundo inteiro.

Para Leite (2017), *Star Wars* influenciou o que entendemos hoje como cinema de entretenimento. A saga dos *jedi* criou o costume que se perpetua até hoje entre fãs e apreciadores de produtos da cultura pop de “consumir” a história do filme em outros formatos e outras mídias, criando comportamentos, eventos e estilos de vida baseados em algum aspecto da obra. Além do viés econômico, o filme também pode ser apreciado e refletido como ferramenta de correlação com o real pensando, nos contextos políticos e do cotidiano, que podem levar o público a refletir e, quem sabe, alertar ao retratar alguns contextos contemporâneos de terminada realidade política.

Sunstein (2016, p. 204) afirma que, mesmo com tantos temas e discussões, *Star Wars* tem muito a nos dizer sobre impérios e repúblicas, sobre totalitarismo e controle tecnológico e militar, sobre direito constitucional e sobre a ascensão do nazismo, sobre feminismo, sobre cristianismo e sobre o poder das escolhas. Para o autor, o estilo de conto de fadas segue um viés pedagógico desse gênero, em que o principal são fórmulas simples e estilizadas sobre o que há de errado com impérios, o que acontece quando a democracia vacila e quando as pessoas têm sua liberdade cerceada por um poder autoritário.

Poder e Violência: transição entre democracia e ditadura

Sunstein (2016), Leite (2017), Decker e Eberl (2015) defendem que *Star Wars* é relevante pela mensagem política poderosa que permeia e dá sentido a toda a história da saga, especificamente sobre como a burocracia enfraqueceu as leis democráticas da Velha República Galáctica, o que foi um terreno fértil para as manobras estratégicas de políticos que ansiavam mais e mais poder, até acontecer a transição da democracia para um estado fascista militarizado que utiliza a força e poder bélico para instaurar um regime do terror, mas, como todo governo autoritário, pelo impulso humano da liberdade, encontra resistência e esperança de mudança. Em *Star Wars* isso está bem-representado na Aliança Rebelde da Trilogia Clássica e na Resistência da trilogia *Sequel*.

Especialmente nos episódios I, II e III encontramos conceitos da filosofia e da ciência política que nos permitem visualizar como pode acontecer a transição de regimes democráticos para regimes autoritários. A velha República é inspirada na maioria das democracias ocidentais, uma democracia representativa e parlamentarista, na qual o líder mais alto do Poder Executivo é o alto chanceler eleito pelo Senado Galáctico, principal instituição política que rege e formula as leis para serem seguidas por todos os

planetas que compõem a galáxia. Cada planeta possui representantes no Senado. Além do Poder Legislativo e Executivo, temos o Conselho *Jedi*, um poder que representaria, dentro da saga, um poder religioso e militarizado, cuja principal função é garantir a paz na galáxia, mas que atua de forma independente das leis institucionais. Em contraposição aos *jedi* existem os *sith*, indivíduos com desejos obscuros que anseiam pelo poder.

Já no início do Episódio I – Ameaça Fantasma (STAR Wars, 1999) – sabemos que a Federação do Comércio fez um bloqueio comercial a um pequeno planeta pacífico, Naboo. A líder do planeta, a rainha Padmé Amidala é obrigada a fugir quando a Federação do Comércio, sem a autorização do Senado, manda um exército de droide para a capital do planeta para obrigar a monarca a assinar um termo de cooperação totalmente desvantajoso para a soberania do planeta, levando violência e sofrimento a uma população pacifista. Dois *jedi* a escoltam até o Senado Galáctico para expor o plano de seu algoz e pedir as medidas necessárias para continuar com a autonomia e paz em seu planeta. O que a rainha Amidala encontra, porém, é um poder democrático mergulhado em debates intermináveis sem poder efetivo, enfraquecido pela burocracia.

Os burocratas, financiados e influenciados pelos interesses da Federação do Comércio, regem o Senado e propõem leis, a ponto de a rainha, em seu discurso, afirmar: “Não fui eleita para assistir ao meu povo sofrer e morrer enquanto vocês discutem essa invasão em um comitê. Se esse corpo não é capaz de ação, eu sugiro a necessidade de uma nova liderança.” (STAR War, 1999). Em outro momento ela declara “[...] está claro que essa República não mais funciona.” (STAR Wars, 1999). Entra em cena o Senador Palpatine, também conhecido como *Darth Sidius*, sob a figura de um defensor da liberdade, amante da democracia, benevolente e virtuoso, o senador, que manipula toda a situação para ganhar espaço na arena política, tornando-se o novo alto chanceler da República.

No episódio II – O ataque dos Clones (STAR Wars, 2002) – Palpatine, ao contribuir sorrateiramente com o conflito usando a Federação do Comércio como patrocinadora da guerra, inicia um movimento separatista comandado pelo conde Dookan, pupilo de *Darth Sidius*, para cada vez mais enfraquecer o poder da República Galáctica. Agora temos um regime democrático que agoniza, marcado por uma Guerra Civil. Isso faz com que os representantes dessa democracia, preocupados com os rumos da Guerra e os entraves burocráticos, voltem a conceder poderes emergenciais e quase ilimitados ao alto chanceler para acabar com a guerra. Ao alcançar poderes ilimitados, o político afirma que ama a democracia e que só usará esse poder pelo tempo necessário para acabar a guerra. Sua primeira ação é instituir um exército para a República Galáctica, um exército que combaterá os separatistas, conflito que ficará conhecido como Guerras Clônicas.

No Episódio III – A vingança do *Sith* (STAR Wars, 2005), Palpatine, consolidado no poder, arma sua última estratégia ao seduzir um novo aprendiz, *Darth Vader*, aniquila o exército separatista, trai a Federação do Comércio, controla todo o Senado e os seus principais representantes e, com a ordem 66, derrota seus opositores, os *jedi*. Agora com seus opositores enfraquecidos e isolados, declara que continuará sendo o líder do governo, mas que a democracia, com seu poder enfraquecido, será substituída por um governo militarista e forte. No seu discurso de autoproclamação de Imperador, o

Chanceler afirma: “Com o intuito de assegurar a estabilidade e a segurança contínua, a República será reorganizada no primeiro Império Galáctico. Por uma sociedade segura e protegida [...]” (STAR Wars, 2005). O então imperador é ovacionado por seus apoiadores que reafirmam o novo molde autoritário do governo, apresentado em uma das afirmações mais icônicas da saga: “Então, é assim que a liberdade morre, com um estrondoso aplauso” (STAR Wars, 2005). Vale lembrar que Palpatine utilizou de estratégias e embustes para chegar ao poder, mas todas apoiadas em vias legais. O golpe de Estado não ocorreu com uma revolução ou lutas sangrentas. Com ações legais dentro do corpo político, o Senado concedeu plenos poderes ao chanceler, e essa concessão se deu pelo desgaste e ineficácia da proteção dos seres da galáxia.

A justificativa era a proteção dos seres que viviam nos diversos planetas que sofriam cada vez mais com a guerra civil que assolava por toda parte. Como a arte imita a vida, todavia, podemos encontrar os mesmos elementos da ascensão de Palpatine e do seu Primeiro Império Galáctico com a ascensão dos regimes totalitários e autoritários e seus líderes, verdadeiro messias proclamado pelo povo como único salvador. Observamos isso em diversos momentos históricos, mas em especial no nazismo e na ascensão de Hitler ao poder, que, devemos lembrar, ocorreu por vias legais dentro da Alemanha. Aliás, Palpatine e Hitler têm muito em comum, Arendt (2017, p. 434) afirma que Hitler “[...]durante toda a vida exerceu um fascínio que supostamente cativava a todos[...]”, característica presente na figura de Seev Palpatine.

A democracia na Velha República, que vemos no Episódio I: Ameaça fantasma (STAR Wars, 1999), possui o seu poder fragmentado, mergulhado em burocracia, debate polarizado entre as classes e nunca com uma ação efetiva. No Episódio II – O ataque dos Clones – a fragilidade dessa democracia e o caminho para posturas mais autoritárias fica claro em um diálogo entre Anakin Skywalker e Padmé Amidala, agora senadora de Naboo. Em um tom descontraído, mas que não devemos interpretar como leviano, Anakin, diferente de Padmé, perdeu a fé na democracia e na representação do Senado para tomar medidas efetivas nos rumos da guerra em curso. Padmé questiona que o problema não é o regime democrático, mas as pessoas que não conseguem chegar a um acordo comum. A resposta de Anakin é de que alguém deveria obrigá-los; alguém sábio; ao que Padmé retruca declarando que, para ela, isso pareceria uma ditadura. Esse diálogo é um preâmbulo explicando o campo político praticamente impotente, quando Palpatine irá manejar para instaurar a tirania no seio da República. Esse cenário é similar ao que encontramos no pensamento político de Platão (2014) sobre como a democracia pode se transformar em despotismo quando uma pessoa corrupta toma o poder.

Como, porém, o poder democrático tornou-se ineficaz em *Star Wars*? Arendt (2020, p. 247) afirma que o que destrói comunidades políticas é a perda do poder e a impotência final de resoluções e ação dentro do campo político. “[...] o poder só é efetivado onde ato e palavras não se divorciam, onde as palavras não são vazias e os atos não são brutais, onde palavras não são empregadas para velar intenções, mas para desvelar realidades[...]”. E parece ter sido essa dissociação entre discurso e ação que tornou a Velha República ineficaz perante a guerra civil e o movimento separatista.

Em outra obra, Arendt (2010, p. 108), ao explicar sobre como governos violentos ganham terreno na política, assinala que o decréscimo de poder pela falta de unidade em agir em conjunto é um convite à violência. A República de *Star Wars* está mergulhada na burocracia e, quanto maior a burocratização da vida pública, maior será a atração pela violência. “[...] Em uma burocratização plenamente desenvolvida não há ninguém a quem se possa inquirir, a quem se possam apresentar queixas, sobre quem exercer as pressões do poder [...]” (ARENDR, 2010, p. 101). Quando isso acontece, os atores sociais desejam uma ação quase irresistível para mudar o mundo. Arendt (2010), no entanto, alerta-nos que essa mudança é quase sempre para um mundo mais violento. É o que observamos ao longo de toda a saga.

Esse impulso apresenta-se na ascensão do senador Palpatine que começou como representante legal de Naboo e ganhou poder utilizando estratégias até se transformar em um ditador com o apoio da maioria do Senado. Platão (2014, p. 304-309) afirma que a democracia degenera em tirania quando uma pessoa perversa usurpa o poder. O tirano tem aparência de benevolência, defensor da liberdade, preocupado com o povo. É envolvido em uma aura de herói, único capaz de defender o povo da necessidade que se encontra. Sobre a aparência benévola do tirano em potencial continua Platão (2014, p. 296)

[...] quem provasse uma entranha humana misturada com as outras vítimas se converteria fatalmente em lobo [...]. Pois, o protetor do povo é como esse homem. Dispondo de uma multidão inteiramente dócil, não se abstém de derramar sangue de seus compatriotas; em geral recorre a acusações injustas para arrastá-los aos tribunais e destruir-lhes a vida, saboreando com a boca e a língua impuras o sangue fraterno; a uns mata e a outros exila, ao mesmo tempo que alude a abolição de dívidas e distribuições de terra [...].

O que Platão descreve podemos observar no Episódio III – A vingança do *Sith* (2005) –, pois é disfarçado de sábio e justo que *Darth Sidius* se alça ao mais alto cargo da República Galáctica mas, secretamente, incita o conflito e a guerra civil utilizando da burocracia e da ganância da Federação do Comércio, seus aliados atuais. Ele não mede esforços ou se penaliza pelas vidas e o sangue dos seus representados. Na cartada final quase aniquila todos os seus inimigos e amigos inconvenientes, ordena o assassinato dos membros da Federação Comercial e, com a ordem 66, destrói a maioria dos *Jedi*, acusando-os como inimigos da República, sem julgamento ou defesa, afinal, como ele mesmo afirma, ele é o Senado. Yoda e Obi-Wan, como sobreviventes, vão para o exílio esperar o momento mais auspicioso para o retorno dos *jedi*, cuja missão sempre foi trazer a paz e a esperança à galáxia. A expurgação dos inimigos e amigos para a consolidação do novo modelo político também se encontra descrito por Platão (2014, p. 296): “[...] o tirano, para governar, se vê obrigado a eliminá-los, e segue por esse caminho até não deixar com vida uma só pessoa de valor, quer dentre os amigos, quer entre os inimigos”. Também observamos que as ações de expurgo, comandadas por *Darth Sidius*, estão de acordo com o observado por Maquiavel (2014, p. 46) de que o príncipe, para se manter no poder, usa a malevolência conforme sua necessidade.

Encontramos em Maquiavel (2014, p. 22-27) a justificativa para a manipulação política e econômica que o chanceler usou para se tornar um príncipe temível dentro do principado conquistado: o Império Galáctico. Palpatine mentiu, trapaceou, matou, criou

e controlou os dois lados da guerra civil que encontramos na trilogia *prequels*; não se utilizou só da *fortuna*, mas também de sua *virtú* de príncipe para conquistar seus interesses, manipular seus súditos e ter seu irrestrito apoio para manter e ampliar cada vez mais sua sede de poder. Arendt (2010, p. 45) elenca fatores pelos quais as pessoas podem ser manipuladas por ditadores, seja por coerção física, tortura, opiniões ou fome. Palpatine manipulou alguns agentes políticos por suas ganâncias, outros pelo medo da violência, da fome e da falta de liberdade que poderiam se tornar realidade caso a República Galáctica perdesse a guerra civil. Usando da ganância de uns e medo de outros, Palpatine trilha seu caminho pelo poder ilimitado e tirânico.

Poder Totalitário e Resistência

Arendt (2010, p. 60) conceitua poder como “quem domina quem”, e afirma que poder indica os meios em razão dos quais seres humanos dominam outros seres humanos. O poder corresponderia, então, à habilidade humana, não apenas de agir, mas de agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um único indivíduo, ele pertence a um grupo. Assim, Palpatine consolida-se porque é representante de um grupo e continua representando esse grupo, democraticamente eleito ou não. A derrocada da democracia dá-se pelos próprios agentes que atuam nela. Houve um acordo da maioria que o elegeu chanceler, representante máximo do Estado e atribuiu a ele poder para militarizar a Velha República e, assim, vencer a guerra com o uso da força.

Para Weber (1996, p. 55), o Estado é uma “[...] relação de homens dominando outros homens[...]” pelo uso da força e da violência, expressão da autoridade dos representantes do poder. Já para Arendt (2020, p. 248-249), o poder só pode existir dentro de uma convenção e convivência entre humanos e se mantém dentro do domínio público, quando ação e discurso não se dissociam e se firmam dentro de um acordo frágil e temporário resultado das vontades e das intenções dos indivíduos do grupo. Se considerarmos a afirmação de Arendt, veremos que na República existia muitas intenções. A Federação do Comércio, enquanto classe social, possui representantes no Senado Galáctico, que agem de acordo com seus interesses, mas também outros agentes que têm a intenção de proteger seus planetas e o povo, dando um voto de confiança a um político corrupto. A maioria dos senadores concedeu poderes ilimitados a um político, limitando sua própria liberdade por medo da guerra.

O medo não é o principal motivo para o contrato social entre os seres humanos que abdicam de sua liberdade para a conservação de suas vidas? O medo da morte, aponta Arendt (2010, p. 87-88), é o ponto central dentro da filosofia de Hobbes ao formular sua filosofia política, sendo o Estado uma convenção, mas também uma renúncia da liberdade individual em favor de um poder que preserve seus súditos de uma morte violenta. Em *Star Wars*, esse medo da morte e da violência é o catalisador para *Darth Sidius* conseguir poder ilimitado e instaurar um regime do terror. Assim, termina a trilogia *prequel* de *Star Wars*. Um ditador no trono de um império de terror, militarizado, hierarquizado e com uma máquina de guerra capaz de destruir um planeta inteiro, a Estrela de Morte, expressão máxima do poderio do sistema fascista instituído por Palpatine.

No *Spin-off Rogue One* (STAR Wars, 2016) temos um filme sobre a luta pela resistência política ao Império Galáctico. A aliança rebelde organiza-se e luta em várias frentes de batalha contra o domínio do Imperador Palpatine. Um grupo pequeno de rebeldes tem a missão de conseguir a planta da base da Estrela da Morte para, por meio de uma falha no reator da base, conseguir destruir e acabar com a principal arma bélica do regime autoritário. Com uma premissa poderosa de que rebeliões têm como base a esperança, esse filme inicia a ideia que será desenvolvida na trilogia clássica de resistência ao poder instituído. Para explicar melhor o movimento revolucionário em *Star Wars*, precisamos entender a natureza do poder e o uso da violência em filosofia política.

O imperador Palpatine transforma a Velha República democrática em um regime totalitário. Arendt (2017) e Hobsbawm (2005, p. 113-121) vão apontar algumas características comuns aos regimes totalitários com inspiração fascista, características encontradas também na política do Império Galáctico: a) poder político centrado no militarismo; b) culto ao líder; c) poder político centralizado no líder ou em um grupo; d) Unipartidarismo; e) terror; f) propaganda; g) disseminação de ideologia dominante; h) construção de inimigos em comum e a repressão dos mesmos. Palpatine e seu séquito administrativo perseguem seus inimigos e usam do terror tecnológico e militar para amedrontar todos os planetas.

No corpo administrativo de *Star Wars* o poder flui do topo para a base a partir da autoridade do líder. No episódio IV (STAR Wars, 1977) observamos que o imperador dissolveu o Senado Imperial e cada planeta passou a ser regido por um governador que fazia parte da classe administrativa militar do Império Galáctico. A existência de uma sociedade sob comando militar, a propaganda oficial do Estado substituindo a propaganda privada, a inteligência imperial, o recrutamento militar ideológico e a existência de uma polícia secreta, são elementos que encontramos nas análises de Arendt (2017) sobre a política totalitária. Para entender como um único homem consegue dominar toda uma galáxia, o ponto central a ser analisado é o corpo administrativo desse Império Galáctico inspirado no pensamento de Weber (1996, p. 57):

O domínio organizado, que demanda a administração contínua, exige que a conduta humana seja condicionada à obediência para com os senhores que pretendem ser os portadores do poder legítimo. Por outro lado, em virtude da obediência, o domínio organizado exige o controle dos bens materiais que em determinado caso são necessários para o uso da violência física. Assim, o domínio organizado exige o controle do quadro de pessoal administrativo e os implementos materiais da administração.

O quadro administrativo, que representa externamente a organização do domínio político, é, certamente, como qualquer outra organização, limitado pela obediência ao detentor do poder [...]. Há honra e pilhagem para os seguidores, na guerra; para o séquito do demagogo, há os “despojos” – ou seja, a exploração dos dominados, através do monopólio dos cargos – e há lucros e prêmios à vaidade, politicamente determinados. Todas essas recompensas são também derivadas do domínio exercido pelo líder carismático.

O alto escalão do Império, representado no episódio IV – Uma nova esperança (STAR WARS, 1977) – pelo governador Tarkin, possui poder quase ilimitado. Condena à morte, como traidora, uma senadora imperial (Leia Organa) e dá a ordem de aniquilamento de

um planeta inteiro (Alderaan) para demonstrar o poder bélico do Império Galáctico exercido pelo terror da Estrela da Morte, base militar capaz de destruições em escala apocalíptica que promove a violência extrema e o terror em todos os planetas da galáxia.

Arendt (2010, p.68-69) diferencia poder e violência, considerando poder (e não a violência) como a essência dos governos. A violência possui caráter instrumental e racional e depende de justificativas para ser empregada. O poder, por outro lado, não precisa de justificção, pois é inerente a existência das comunidades políticas. Embora o poder e a violência sejam fenômenos distintos, geralmente estão associados, porém a violência sempre necessita de ferramentas, geralmente associadas a produtos de uma revolução tecnológica, e todas as guerras se beneficiam disso.

Não é sem razão que, em *Star Wars*, a Estrela da Morte é uma arma tecnológica poderosíssima, e o braço direito do Imperador, *Darth Vader*, é um personagem (meio homem e meio máquina) assentado na ideia do terror e da impiedade. A impiedade, porém, não é exercida só com seus inimigos, mas também contra amigos e aliados. Esse princípio fica muito evidente em dois momentos da saga. No episódio V – O Império Contra-Ataca (1980) –, quando Vader asfixia seu capitão naval e, ainda, no *Spin-off Rogue One* (STAR WARS, 2016), quando o governador Tarkin usa a Estrela da Morte no planeta onde está sua base aliada para encobrir os rastros dos rebeldes, levando à morte não só soldados de baixa patente, mas também o comandante Krennic, idealizador e engenheiro responsável pela estação bélica. Tais ações corroboram que o Império de *Star Wars* é baseado na violência como forma de terror. Sobre tal tema, Arendt (2010, p. 73) afirma que a diferença entre a dominação totalitária, baseada no terror, e as tiranias e as ditaduras consolidadas pela violência, está em que a primeira investe não apenas contra seus inimigos, mas também contra seus amigos e apoiadores.

A arbitrariedade do regime totalitário nega a liberdade humana de modo mais tirânico que qualquer outra forma de ditadura. Numa tirania é preciso ser um inimigo do regime para ser punido por ele. Em regimes totalitários basta uma pessoa utilizar sua liberdade individual para que a punição possa ser compartilhada por inocentes ou por todos (ARENDR, 2017, p. 574). Isso ocorre na destruição total de Alderaan, quando a escolha política da Princesa Leia, de guardar os planos para a destruição da Estrela da Morte, ocasionou o genocídio do seu planeta natal, num ato para a demonstração da força destrutiva do Império Galáctico.

É quando a violência se transforma em terror que, segundo Arendt (2010, 2017, 2020), o poder começa a degenerar. Na trilogia clássica, quando Palpatine dissolve o Senado Imperial (STAR Wars, 1977) e passa o comando local para membros de seu corpo administrativo que possuem autorização de usar a violência necessária, o poder, a legitimidade do poder que Palpatine gozava quando se proclamou imperador, desintegra-se. Jaspers (2011, p. 75) afirma que contra a força instituída se faz necessário a resistência pela força a menos que se prefira a servidão ou a destruição. É aí, então, que conhecemos a Aliança Rebelde, a força principal da resistência ao poder instituído dentro da trilogia clássica, um punhado de pessoas que se lança ao espaço com nada mais que naves e esperança para travar a luta pela libertação e restauração da democracia na galáxia. Afinal, como sentencia Arendt (2010, p. 66), “onde o poder se desintegrou as revoluções são possíveis [...]”.

O grupo que entra em cena para se opor ao maligno Império Galáctico é composto por jovens idealistas, que são poucos e não possuem um exército. Não existe recrutamento compulsório; tem de viver como foras da lei, procurados, com suas cabeças a prêmio. As pessoas alistam-se na Aliança Rebelde por dois principais motivos: a) ou o Império lhe tirou tudo e a única coisa que sobrou foi o ímpeto de resistir; ou b) há o impulso da natureza humana de ansiar por liberdade. A primeira razão foi o motivo que levou Luke Skywalker à base da resistência depois de ter seus tios assassinados pelas tropas imperiais. O segundo motivo, a liberdade, muito mais que a justiça ou a grandeza, é a essência de todas as revoluções, como afirma Arendt (1988, p. 23-24).

Em outro texto, Arendt (2018, p. 21-24) lembra-nos que, embora muitas revoluções tenham terminado em tirania, a liberdade é sempre seu escopo. A filósofa demonstra uma estreita relação entre revolução e liberdade, relação que pode ser encontrada dentro da saga *Star Wars* quando perscrutamos o conceito de revolução. Enquanto a palavra “revolução” foi transformada no equivalente ao processo revolucionário, algo similar e mais complexo aconteceu com a palavra “liberdade”. A liberdade era entendida como os chamados direitos civis. Os direitos de participar de assuntos públicos não eram nem no campo teórico tampouco no prático, resultado das revoluções do final do século 18:

[...] Não, “vida, liberdade e propriedade”, mas sim a reivindicação de que seriam direitos inalienáveis de todas as criaturas humanas – sem se importar onde viviam ou que tipo de governo possuíam – é que era revolucionária. E mesmo nessa nova e revolucionária ampliação para toda a humanidade, a liberdade não significava mais do que a libertação de limitações injustificáveis, ou seja, alguma coisa essencialmente negativa. Liberdade no sentido dos direitos civis resultam da libertação, mas não são de modo algum o conteúdo real da liberdade, cuja essência é a admissão no âmbito público e a participação nos assuntos públicos (ARENDR, 2018, p. 25).

Quando analisamos a política do Império Galáctico percebemos que toda a galáxia estava à mercê das leis ditatoriais. Suas vidas não lhes pertenciam, nem suas propriedades. Direitos civis eram inexistentes ante a uma arma capaz de aniquilar um planeta inteiro. A revolução engendrada pelos rebeldes tinha tanto a ideia de libertação das injustiças e a recuperação de seus direitos civis quanto a necessidade de liberdade política para os diversos povos que existem em todo o universo de *Star Wars*. Na trilogia *prequels*, quando o Senado Galáctico realiza suas sessões, podemos observar representantes de diversos planetas que participam da República. Jar Jar Bink é o suplente da senadora Padmé Amidala, e ele pertence à raça de *gungan* de Naboo. Na trilogia clássica, se observarmos os postos de comando militares-políticos não encontramos nenhum desses postos ocupados por alienígenas, apenas humanos e do sexo masculino. O Império tirou todos os direitos políticos de todas as raças da galáxia que não eram humanas. Lembrando que, em revoluções, a liberdade e a libertação são estágios diferentes. A libertação é o processo, uma condição preexistente para a liberdade, enquanto a liberdade é o fim em si mesmo.

[...] A complexidade aparece quando a revolução se refere tanto à libertação quanto à liberdade; e, na medida em que a libertação é realmente uma condição da liberdade – embora a liberdade não seja, de modo algum, um resultado necessário da libertação –, é difícil ver e dizer onde o desejo por libertação, de ser livre da opressão, termina e começa o desejo por liberdade, por viver uma vida política (ARENDR, 2018, p. 25).

Como a trilogia clássica termina com a derrota do Império Galáctico na Batalha de Endor, não temos como saber como eram os arranjos políticos para a restauração do que chamaram de Nova República. No episódio VII: O despertar da força, porém, quando a primeira ordem extermina a sede dessa nova forma política, podemos ver novamente a diversidade de raças que a compõe. Assim sendo, a liberdade política, instaurada pela vitória rebelde, converge com a ideia de Arendt (2018, p. 45) sobre a liberdade como desejo de ação de participar de assuntos públicos, de ter plenamente participação na política; participação que outras raças ansiavam e conseguiram no curto espaço de tempo antes de outro regime autoritário se levantar das cinzas do antigo Império de Palpatine.

Os rebeldes, grupo que ansiava pela participação política, colocaram toda a sua esperança em uma falha estrutural da Estrela da Morte; a destroem e, assim, criam possibilidades e chances para derrubar o regime totalitário que os oprime. Somente com a destruição da Estrela da Morte, símbolo do poder ilimitado do Império, uma rebelião isolada possibilitou o prenúncio de uma revolução. Só podemos falar em revolução quando ocorre mudança, no sentido de um novo princípio, em que um corpo político completamente diferente se constitua e com a libertação das opressões violentas se possa almejar a liberdade política (ARENDR, 1988, p. 28).

MICROCONCEITO-IMAGENS EM STAR WARS: Quadro Propositivo

A rigor, apenas um filme completo é um conceito-imagem como um todo, mesmo que cenas possam conter conceitos-imagens específicos. Nesse sentido, apresentamos, a seguir, um quadro propositivo em relação aos episódios da saga (I a IX) bem como aos *spin-offs* (Han Solo e *Rogue One*), destacando macro e microconceitos-imagens que possam ser utilizados como temas e elementos integradores para o ensino de filosofia no Ensino Médio Integrado (BRASIL, 2007).

Ao discutirmos tanto os macroconceito-imagens em referenciais de ciência e filosofia política quanto apontar possíveis conteúdos a serem abordados com cenas-chave que contêm microconceito-imagens, estamos apontando apenas possibilidades. Trata-se de um caminho aberto a (re)interpretações, recuos e avanços, pois entendemos que a arte cinematográfica suscita interpretações variadas de acordo com signos e vivências próprias de cada indivíduo. Logo, professores e pesquisadores de outras áreas, com suas vivências, formação educacional e profissional diversa, são convidados a acrescentar temas que lhes forem conhecidos em suas áreas de formação e atuação, pois, sendo *Star Wars* uma obra de ficção científica que discute viagem espacial, clonagem, astronomia e outros temas, pode ser abordado e desenvolvido por professores tanto nas áreas de ciências da natureza quanto em outras áreas.

Outras discussões muito presentes na saga referem-se à Inteligência Artificial, representada pelos personagens *droides* que possuem características antropomórficas. Esse tema pode ser benéfico para a integração com as áreas de informática, além de discussões sobre construções de ordem mecânica, estrutural e tecnológica com potencial para serem discutidas nas diversas engenharias. Além, disso, a saga pode ser compreendida, também, pelo viés da bioética, ao abordar discussões éticas e políticas tanto nas diversas disciplinas das áreas técnicas quanto na área básica e seus temas transversais. Por fim, nossa contribuição é apenas apontar temas políticos, principalmente nas disciplinas de filosofia, sociologia, história e geografia, conforme aparece nas orientações das disciplinas (BRASIL, 2000, 2006).

Quadro 1 – Quadro propositivo de *Star Wars* para temas de política

Minutagem		Macroconceito- imagem	Microconceito- imagem	Elementos Integradores
Episódio I	8 – 10min	Hegemonia do poder econômico sobre o poder político e bélico	Poder	Poder econômico e hegemonia econômica
	12 – 28min		Poder econômico	Classes sociais
	1h20 – 1h29min		Poderes políticos e regime totalitários	Política e economia. Averso da democracia
	1h31 – 1h33min		Tirania (Platão e Maquiavel)	Manipulação ideológica
	1h48 – 1h50min		Poder econômico e poder bélico	Política e militarismo.
Episódio II	39 – 41min	Poder e violência	Democracia contemporânea	Princípios democráticos
	47 – 49min		Política, formas de governo, sistemas políticos	Política em Aristóteles. República de Platão Teoria do estado Pluralidade política e ideológica
	1h30 – 1h35min		Poderes políticos Sistemas de governo Autocracia Tecnocracia	Lei de concessão de plenos poderes. Teoria dos três poderes (O espírito das leis) Guerra Civil Fascismo e Nazismo
Episódio III	34 – 38min	Transição entre democracias e ditaduras (avesso da democracia)	Poderes políticos Sistemas de governo Autocracia	Lei de concessão de plenos poderes. Autonomia política em Maquiavel. Regimes autoritários e totalitários
	38 – 41min		Guerra e Violência Democracia contemporânea	Burocracia Ascensão do totalitarismo
	42 – 45 min		Política Medieval	Teocracia
	1h – 1h4min		Teocracia Autocracia Pensamento político de Maquiavel	Fascismo e Nazismo. Regimes autoritários e totalitários
	1h05 – 1h26min		Autocracia Teoria dos três poderes	Absolutismo Fascismo e Nazismo. Regimes autoritários e totalitários
	1h32 – 1h35 min		Poderes políticos Sistemas de governo Autocracia	Poder coercitivo Guerra Civil Fascismo e Nazismo. Regimes autoritários e totalitários
	1h43 – 1h45min		Violência e ideologia	Guerra e paz. Alianças políticas Regimes autoritários
	1h44 – 1h58min		Ditadura Fascismo Direitos Humanos Trabalho	Estado totalitário Teoria dos três poderes Fascismo Trabalho alienado

Han Solo	12 – 17 min	Colonialismo e colonialidade.	Propaganda política Imperialismo	Imperialismo Primeira Guerra Mundial Recrutamento militar
	17 – 18 min		Pluralidade cultural Violência e exploração	Colonialismo Ocupação amazônica Ciclos da borracha
	28 – 30 min		Violência e exploração Sistema escravista	Sistema escravocrata brasileiro
	1h10 – 1h25min		Exploração econômica Violência Libertação e liberdade	Colonização Trabalho escravo Direitos humanos
	1h41 – 1h44min		Violência e poder	Revoltas e revolução
Rogue one	4 – 6 min	Poder, terror, indústria armamentista e resistência.	Guerra e paz Direitos civis Violência institucional	Violência e terror
	9 – 11min		Formas de governo	Imperialismo e poder bélico.
	28 – 30 min		Poder e violência	Revoluções
	41 – 52 min		Totalitarismo Autoritarismo Imperialismo	Violência e dominação
	1h16 – 1h22min		Liberdade e poder	Alianças políticas e resistência
	2 h5 – 2h6min		Esperança e liberdade	Revolução
Episódio IV	37 – 43 min	Regimes totalitários e controle tecnológico.	Estado burocrático Regime totalitário Direitos humanos Autocracia Feminismo	Teoria dos três poderes. Controle tecnológico e bélico. Tortura Participação feminina na política
	57 – 61 min		Direitos humanos Violência Extermínio Controle bélico Minorias Sociais	Genocídio Minorias Sociais
Episódio V	52 – 59 min	Sociedade do controle e violência.	Terrorismo de estado Controle tecnológico	Revolução Francesa, Revolução Russa Regimes Totalitários Guerra fria
Episódio VI	2h 6 – 2h15min	Rebelião e revolução	Redemocratização	Movimentos sociais
Episódio VII	1 – 12 min	Militarismo e imperialismo	Violência Direitos humanos Trabalho	Revolta Rebelião Trabalho alienado Mais-valia
	17 – 21 min		Direitos humanos Direitos civis	Violência
	59 – 62min		Banalidade do mal Direitos humanos	Ética e Violência
	1h8 – 1h15min		Formas de governo. Violência e genocídio. Ideologia.	Democracia Genocídios

Episódio VIII	1 – 10min	Resistência ao poder instituído	Terrorismo de estado Controle tecnológico	Guerra fria. Regimes autoritários e totalitários
	11 – 17min		Poder	Ideologia e poder estratégico
	36 – 39min		Ideologia Revolução e revolta	Revolução e ideias revolucionárias
	56 – 57min		Indústria armamentista e controle político	Segunda Guerra Mundial.
Episódio IX	5 – 7min	Movimentos sociais e poder político	Poder bélico e violência	Violência e militarismo
	12 – 13min		Feminismo e representatividade	Protagonismo feminino na cultura
	20 – 21min		Manipulação ideológica e fascismo	Militarismo e recrutamento compulsório
	51 – 53min		Violência e poder.	Poder e resistência
	1h9 – 1h12min		Liberdade Liberdade política	Democracia
	1h37 – 1h39min		Poder	Imperialismo
	1h53 – 1h55min		Movimento sociais	Participação política

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Nosso intento é instigar e provocar novas possibilidades para a prática docente, o que implica aliar intelecto e sensibilidade para “[...] num grão de areia ver um mundo” (BLAKE 2007, p. 87). Estamos cientes de que a realidade de cada professor (seus alunos, códigos, signos e significados) pode trazer reflexões ainda mais profícuas e diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Star Wars é muito mais do que um produto da indústria do entretenimento, é sobre liberdade, esperança e rebeldia humana. Assim, traz em seu bojo discussões presentes nos grandes tratados de filosofia política, tais como a redução da política à administração burocrática; o aumento acelerado da violência e terror tecnológico nas mãos de uma classe que almeja o poder; o desgaste das democracias ocidentais ante os interesses econômicos do grande capital; os movimentos de resistência ao poder; e as guerras e violências que assolam e desolam nossas existências. Esses são temas de ordem filosófica, sociológica e epistemológica, mas estão presentes na arte cinematográfica em produtos facilmente palatáveis para todas as idades. Entendemos que *Star Wars* é uma obra de arte e, como tal, pode ser problematizada (como um todo, a partir de trilógicas separadas, em episódios isolados ou em cenas-chave) e se transformar em uma arma poderosa de diálogo entre aluno e professor e entre conteúdo filosófico e realidade.

Trata-se, por fim, de uma contribuição para uma educação política nos moldes freirianos para um ensino criativo, divertido, rigoroso, emocional e, principalmente, transformador. Para isso, ajustem os cintos de segurança, verifiquem o navegador e que a força esteja com vocês.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Da revolução*. Brasília: UNB; São Paulo: Ática, 1988.
- ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ARENDDT, Hannah. *Liberdade para ser livre*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.
- BLAKE, William. *O casamento do céu e do inferno e outros escritos*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- BRASIL. *Educação profissional técnica de nível médio integrada ao Ensino Médio*. Documento base, Brasília: MEC, 2007.
- BRASIL. *Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Nacionais Curriculares (PNC+)*. Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2006.
- BRASIL. *Parâmetros Nacionais Curriculares*. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 9 nov. 2019.
- BRUNO, Adriana Rocha; SILVA, Judilma Aline; JÚNIOR, Sebastião Gomes Almeida. “Black Mirror” e aprendizagens em rede: distopia, retrotopia e utopias em vivências (trans)formadoras na educação. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 19, n. 62, p. 1.078-1.104, 2019.
- CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: imagem-movimento?* Rio de Janeiro: Editora 34, 2018a.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 2: a imagem-tempo*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2018b.
- DECKER, Kevin; EBERL, Jason. *Star Wars e a filosofia*. São Paulo: Universo Geek, 2015.
- DUARTE, Rosália. *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 2011.
- LEITE, Marília Soares. *Análise da trilogia Star Wars como retrato do contexto sócio político dos Estados Unidos na década de 1970*. 2017. Trabalho (Conclusão de Curso – Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- LUCAS, George. *Chicago Tribune*, 2005. Disponível em: www.chicagotribune.com.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (org.) *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 83-107.
- PLATÃO. *República*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- STAR Wars: Episódio IV – Uma nova esperança. Direção e produção: George Lucas. Estados Unidos: Lucasfilm, 1977.
- STAR Wars: Episódio V – O império contra-ataca. Direção e produção: George Lucas. Estados Unidos: Lucasfilm, 1980.
- STAR Wars: Episódio VI – O retorno de jedi. Direção e produção: George Lucas. Estados Unidos: Lucasfilm, 1983.
- STAR Wars: Episódio I – Ameaça fantasma. Direção e produção: George Lucas. Estados Unidos: Lucasfilm, 1999. DVD.

STAR Wars: Episódio II – O ataque dos clones. Direção e produção: George Lucas. Estados Unidos: Lucas-film, 2002. DVD.

STAR Wars: Episódio III – A vingança do Sith. Direção e produção: George Lucas. Estados Unidos: Lucas-film, 2005. DVD.

STAR Wars: Episódio VII – O despertar da força. Direção e Produção: J.J. Abrams. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 2015. DVD.

STAR Wars: Episódio VIII – Os últimos jedi. Direção: Rian Johnson. Produção: Kathleen Kennedy. Estados Unidos, Walt Disney Studios, 2017. DVD.

STAR Wars: Episódio VII – Ascensão Skywalker. Direção e Produção: J.J. Abrams. Estados Unidos, Walt Disney Studios, 2019a. DVD.

STAR WARS: Quanto faturou cada filme da saga na bilheteria? Uol entretenimento. Los Angeles, 18 de dez. 2019b. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/afp/2019/12/18/star-wars-42-anos-de-uma-bilheteria-de-ouro.htm>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SUNSTEIN, Cass. R. *O mundo segundo Star Wars*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

TAYLOR, Chris. *Como Star Wars conquistou o universo: o passado, o presente e o futuro da franquia multi-bilionária*. São Paulo: Aleph, 2015.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papirus, 1994.

WEBER, Max. A política como vocação. In: WEBER, Max. *Ciência e política – duas vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996. p. 53-124.

WILKE, Valéria Cristina Lopes. Star Trek – Deep Space Nine na sala de aula. *Estudos de Filosofia e Ensino*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 57-84, 2019.